

PRAXIOLOGÍA MOTRIZ Y TIRO CON ARCO INDÍGENA: BREVE ESTUDIO EN PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONIA

PRAXIOLOGIA MOTRIZ E A ARQUEARIA INDIGENA: BREVE ESTUDO EM POVOS INDÍGENAS DA AMAZONIA

MOTOR PRAXEOLOGY AND INDIAN ARCHERY: BRIEF STUDY OF INDIGENOUS PEOPLE OF AMAZONIA

SORAYA DE OLIVEIRA LIMA (BRASIL)

Licenciatura Plena em Pedagogia; Mestranda de Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (Manaus-AM, Brasil).

JOYCE KAROLINE PINTO OLIVEIRA PONTES (BRASIL)

Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo; Mestranda de Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (Manaus-AM, Brasil).

ARTEMIS DE ARAUJO SOARES (BRASIL)

Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia e Diretora da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – Universidade Federal do Amazonas (Manaus-AM, Brasil).

Fecha recepción: 1-8-14

Fecha aceptación: 26-1-15

RESUMEN: El presente trabajo se fundamenta en la Praxiología Motriz, teoría defendida por el Profesor Dr. Parlebas en Francia desde 1966. Lo que motivó este trabajo fue la necesidad intrínseca de aclarar cómo la Praxiología Motriz aparece en un deporte llamado tiro con arco indígena practicado por un grupo de jóvenes de las etnias Cambeba, Karapanã y Baré, en la zona del Río Negro, en la región amazónica, Brasil. Los estudios realizados por Parlebas (2001), Lagardera Otero y Lavega Burgués (2003), Ribas (2005) y observaciones in situ son las bases de los argumentos aquí presentados, lo cual permitió ampliar nuestra perspectiva sobre la Praxiología Motriz: nos damos cuenta de que los conocimientos culturales del juego de arco y flecha influyen en la práctica del tiro con arco por ser parte de la práctica de los indígenas de la Amazonia, teniendo en cuenta que esta práctica está influenciada por el tiro con arco de estos jóvenes competidores indígenas, que fueron seleccionados para el equipo brasileño de tiro con arco y competir en los Juegos Olímpicos de 2016. Teniendo en cuenta una posible contribución a la investigación praxeológica, el trabajo que ahora proponemos se vuelve significativo. Material y métodos: recolección etnográfica cuyos datos fueron recogidos a través de entrevistas, fotografías y observación directa. Señalamos que a través de la técnica de entrevista hemos obtenido información importante, pues el contacto con los sujetos durante el entrenamiento nos proporcionó datos relevantes para que este trabajo fuera realizado.

PALABRAS CLAVE: Praxiología Motriz, Conducta Motriz, Arco y Flecha, Juegos y Deportes, Tiro con arco.

RESUMO: O presente trabalho tem fundamento na Praxiologia Motriz, teoria defendida pelo Prof. Dr. Parlebas na França desde 1966. O que motivou este trabalho foi a necessidade intrínseca de esclarecer como a Praxiologia Motriz se apresenta em um esporte denominado arquearia indígena praticado por um grupo de jovens das etnias Cambeba, Karapanã e Baré, da área do Rio Negro, na região amazônica, Brasil. Os estudos realizados por de Parlebas (2001), Lagardera Otero e Lavega Burgués (2003), Ribas (2005) e a observação in loco basearam o conhecimento das argumentações, o que possibilitou ampliarmos nosso olhar sobre a Praxiologia Motriz; percebe-se que os saberes culturais do jogo do arco e flecha influenciam a prática da arquearia por fazer parte da prática dos indígenas da Amazônia, haja vista que essa prática está articulada com a arquearia desses jovens competidores indígenas os quais foram selecionados para chegar a seleção brasileira de arquearia e competir nas Olimpíadas de 2016. Por considerar uma possível contribuição para a pesquisa praxiológica, é que o trabalho que ora propomos se faz significativo. Material e métodos: Trata-se de uma recolha etnográfica cujos dados foram coletados por meio de entrevista, fotografias e observação direta. Destacamos que através da técnica da entrevista obtivemos informações importantes, pois o contato com os sujeitos durante o treinamento nos forneceram dados relevantes para que este trabalho fosse realizado.

PALAVRAS-CHAVE: Praxiologia Motriz, Conduta Motriz, Arco e Flecha, Jogos e Esporte, Arquearia.

ABSTRACT: The article discusses Motor Praxeology, a theory defended by Prof. Dr. Parlebas in France in 1966. There is an intrinsic need to clarify how Motor Praxeology is demonstrated in a sport called Native Indian archery, which is practised by a group of young Cambeba, Karapanã e Baré natives, from the Río Negro area, in the Amazon region of Brazil. The studies of Parlebas (2001), Lagardera Otero and Lavega Burguês (2003) together with those of Ribas (2005) and the in-situ observation are the bases for the arguments presented here, which represent a broadening of the perspective of Motor Praxeology. Cultural knowledge of bows and arrows such as pertains to the native ancestral traditions influence how these native Indians practise archery. The native Indians were selected to take part in the Olympic Games of 2016 making this study of praxeological research much more meaningful. Material and methods: This is an ethnographic study, the data of which was collected via interviews, photos and direct on-site observation. The technical interviews, above all, afforded valuable information together with the participatory observation.

KEY WORDS: Motor Praxeology, Motor behaviour, Archery, bows and arrows, Games and Sports

1. INTRODUÇÃO

A Praxiologia Motriz é conceituada como “ciência da ação motriz e especialmente das condições, modos de funcionamento e resultados de seu desenvolvimento”, Parlebas (2001, p.354). Trata-se de uma área da ciência que apresenta instrumentos próprios para investigar conteúdos relacionados aos jogos e esportes, tendo como objeto, o que Parlebas denominou de ação motriz, referindo-se a um conjunto de manifestações ou fatos observáveis dentro de um contexto socioespacial. A ação motriz é definida por Parlebas (2001:41) como o processo de realização das condutas motrizes de um ou vários sujeitos que atuam numa determinada situação motriz.

Os estudos de Parlebas têm sido difundidos por diversos seguidores destacando-se F. Lagardera e P. Lavega que em Espanha têm logrado êxito com realizando inúmeros estudos acerca da Praxiologia Motriz dentro do conceito geral do conhecimento científico atual, assumindo novos paradigmas e propostas de novas atitudes. Orientam-se para trazer à discussão as atividades fisiodesportivas indo até a originalidade do jogo motor. Para Parlebas, o denominador comum de todas as atividades físicas e desportivas é representado pela colocação em jogo de condutas motrizes dos jogadores e de forma mais geral, pela ação motora que é solicitada. E neste caso cada um irá se manifestar de acordo com sua história pessoal pois a conduta motriz é uma ação motriz pessoal.

Nesse sentido destacamos no Brasil os estudos de Ribas (2005, p.114) que assim se manifesta:

a conduta motriz se apresenta por meio da necessidade do estabelecimento de uma meta, contexto, projeto, enfim, um sentido para tudo, sentidos esses presentes nas atividades dos jogos e dos esporte; portanto, as ações de jogo são carregadas de significados, sendo esses entendidos por Parlebas como condutas motrizes.

As pesquisas de Parlebas concluem que tanto nos jogos como os esportes, independente da modalidade (individual ou em grupo), as ações motrizes são caracterizadas pelas habilidades de concentração, coordenação motora, memória, paciência, percepção, movimentos físicos dentre outros; além do mais, no momento dos jogos e competições, as ações motrizes apresenta as lógicas internas e externas, que segundo ele possibilitam a compreensão e o sentido dos jogos.

Parlebas (2001) diz que os jogos possuem uma lógica interna e uma externa. A lógica interna de um jogo estabelece as dinâmicas estruturais como regras, delimitação do espaço, relações com os parceiros, etc. para as práticas motrizes e são estas dinâmicas que influenciam nos modos como a pessoa percebe e decide suas escolhas. Esses dois últimos aspectos têm a ver com as condutas motrizes e devem permitir que o competidor e/ou adversário ao tomar decisões apresente criatividade e interesse, compreenda as jogadas e as regras do jogo, além de antever as ações do opositor (caso seja uma competição); auxilie o grupo ou a equipe, (se jogo ou esporte de cooperação); além desses aspectos, a compreensão das jogadas e das regras são características essenciais, onde a interação e a decisão certamente irão auxiliar o a dimensão do “saber fazer” como no “saber sobre o realizar corporal” (Ribas, 2005).

Já a lógica externa das ações de um jogo apresenta aspectos que se processam num meio físico estável ou não, e o contato é individual - nesse caso retratado por Parlebas pela relação homem-objeto, ou seja, é uma relação íntima entre o objeto e seu dono, conforme explica Soares (2010, p.55). A lógica externa pode ser ao mesmo tempo uma atividade psicomotriz (individual) e também sociomotriz (em grupo, jogos e esportes coletivos).

Nesse sentido, Soares (2010) nos remete à questões referentes a atividades onde a relação com o outro pode variar entre certas dimensões “solo”, e em outros aspectos relativos à contra-comunicação, ou seja, a resposta do adversário. Enquanto atividade que

pode ser disputada em vários tipos de solo, dentro de um espaço determinado, a lógica interna prevê um espaço preciso para as modalidades onde os mesmos são marcados, demonstrando que a dimensão espacial deve ser a respeitada, pois:

O jogador pode mover-se livremente neste espaço: ele escolhe o melhor percurso e a melhor forma para se mover. Dependendo do tipo de jogo ou esporte os jogadores podem ou não impedir os movimentos dos oponentes. No entanto, essas modalidades têm sempre objetivos que visam ganhar a competição: tanto individual como em grupo, marcando assim a posição de jogador e seu espaço pessoal na partida. (Soares, 2010, p.56)

Historicamente a Praxiologia Motriz vem se constituindo como um campo de investigação emergente por meio das realizações de seminários internacionais e que tem despertado o interesse de pesquisadores e profissionais para investigar e socializar conhecimentos e saberes sobre essa temática nas perspectivas dos esportes, na Educação Física Escolar bem como nas diversidades culturais onde as ações motrizes são observáveis .

Em seus estudos, Ribas (2010) acentua que o caráter da Praxiologia Motriz durante esse percurso, não é uma concepção de ensino dos esportes, nem é sua pretensão se tornar uma. Para ele, a maior parte dos estudos tem utilizado instrumentos de análise para realizar descrições densas de fundamentos e de relações internas dos jogos e esportes, buscando desvelar este mundo, sem, entretanto preocupar-se com as reais situações de ensino.

O que vem sendo apontado por meio das pesquisas demonstra que Parlebas busca manter o compromisso, buscando para tanto a compreensão da lógica interna em que os processos para o entendimento do significado central dos jogos e esportes possibilite a criação de uma gramática onde o "movimentar-se se construa em "agir comunicativo", Ribas (2010).

Ribas expõe que:

Existe um sentido para tudo isso, um significado, intenção, filosofia de jogo, um motivo para a competição, história dos jogadores, enfim, uma série de fatos que dão significado a essas ações (tomados como exemplos de condutas motrizes) e que dependendo do jogo, do adversário, do tempo, da relevância da competição, de satisfação pessoal, é que será possível determinar o grau de envolvimento e participação na partida.(Ribas,p.116, 2005)

Assim a preocupação de Parlebas consiste em perceber a existência da dispersão das pessoas ao praticarem o esporte de qualquer forma; nesse sentido, ao lançar bases para uma nova forma de orientar o praticante, através da Praxiologia Motriz, é importante conhecer e estudar as ações motoras.

Otero e Burgués (2003) esclarecem que a Praxiologia tem como objetivo estudar ações motoras que surgem em qualquer situação desportiva, como resultado de uma complexa teia de relações que se estabelecem entre os participantes, ou independentemente, pois:

este novo estudo da disciplina observa aos jogos e esportes em vários pontos de vista, fixando sua atenção e interesse nos problemas destes. Sua relevância reside precisamente aqui, originalidade, e também a necessidade para gerar o tipo de conhecimento que supostamente quer obter, um saber necessário sobre a prática esportiva que não foi estudada em outra área científica, daí a nossa insegurança por esta necessidade (Lagardera Otero e Lavega Burgués, 2003, p. 38).

Nesse sentido, quais elementos seriam apontados para a compreensão da arquearia indígena quando a mesma é analisada sob a perspectiva da Praxiologia Motriz.

2. MÉTODO

De acordo com o Dicionário Aberto da Língua Portuguesa (s.d.) o termo cultura significa "ato, modo ou efeito de cultivar; a cultura dos campos; estado de quem tem desenvolvimento intelectual; utilização industrial de certos produtos naturais". Laraia (2001) trata da cultura por meio do conceito antropológico, onde essa concepção empreende

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (Laraia, 2001, p.68).

Posto isto, a cultura expressa a existência das variadas características das localidades, comunidades ou grupos, onde hábitos e práticas dos agentes dos povos e nações retratam o modo de viver, pensar e agir. Em face disso, ao falarmos de cultura, não se pode esquecer que as culturas indígenas de modo geral, se manifestam nas suas práticas de sobrevivência, na organização do trabalho, nas crenças e nos valores, bem como nas formas de conviver socialmente.

Nesse caso, sendo os jogos elementos mediadores que propiciam a convivência social desses povos e que culturalmente se estabelecem por meio da sociabilidade, influenciam e são influenciadas de acordo com o contexto; também pode-se dizer que as habilidades dos jogos e das práticas indígenas não escampam a capacidade de coordenação viso-manual e que por isso desenvolvem uma relação de grande precisão no momento em que as vivenciam.

Como prática do arco e flecha das culturas indígenas, o site oficial da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), relata que os povos indígenas usavam esse instrumento como arma de guerra. Na maioria das tribos indígenas brasileiras, o arco é feito do caule da palmeira chamada tucum, cor escura, encontrada próxima aos rios. O tamanho do arco obedece à necessidade de seu uso, de acordo com a cultura de cada povo. A flecha é feita de uma espécie de bambu, chamada taquaral ou caninha. A ponta é feita de acordo com a tecnologia de cada etnia.

Há flechas mais longas e as pontas tipo serra, muito usada para a pesca. Outras pontas são feitas com a própria madeira da flecha. Alguns povos colocam ossos e mesmo dentes de animais. Há outras flechas praticamente sem ponta, mas com uma espécie de esfera (coquinhos), usada na caça aos pássaros. O objetivo é abater a ave e evitar ferimentos na pele ou danos às plumas e penas.

De acordo com a necessidade, o uso no dia-a-dia levou os povos indígenas à criação de uma variedade imensa de tipos de arcos, flechas e pontas de lança. Numa mesma tribo, podem-se encontrar diversos usos para o arco e flecha com diferentes tipos, adequados para pesca com arco e flecha e também na caça de animais de pequeno, médio e grande porte.

O site oficial da FUNAI descreve o uso do arco e flecha assim: o guerreiro se distancia em aproximadamente dez a 20 metros, arremessando a flecha em direção à folha da palmeira. A ponta da flecha acerta exatamente o caule e, resvala, ganhando velocidade em busca do seu alvo. Entre muitas tribos, se praticam o exercício de precisão, utilizando frutos nativos como a manga, laranja, caule da bananeira e outros para o acerto do alvo.

Atualmente, além da utilização para caça, pesca e rituais, o uso do arco e flecha tornou-se também uma prática esportiva, sendo disputada entre aldeias e até com não indígenas, possibilitando, portanto a educação intercultural disseminando-se para outras culturas e finalmente transformando-se uma espécie de prática ludo-esportiva.

Portanto, a prática do arco e flecha presentes nos jogos indígenas parece ser tão comum para essas culturas; ao mesmo tempo permitem caracterizações assentadas na Praxiologia Motriz; e se analisadas com atenção remetem a uma reflexão dos jogos tradicionais indígenas que:

como todo jogo tradicional, é o âmbito menos conhecido de todos porque suas regras estão configuradas em função de uma realidade e cultura. Não são padronizadas para todo o mundo como é o caso dos esportes, ou seja, em cada realidade encontramos formas diferentes para sua organização. (Ribas, 2004)

Otero e Burgués (2003) chamam atenção quando dizem que qualquer jogo esportivo é na verdade o resultado da convenção humana, ou seja, a presença dos hábitos é uma espécie de tradição, que pode ser traçada mais ou menos há anos, décadas e até mesmo séculos: mas quando certo grupo decide levar uma atividade sujeita a determinadas condições e características, surge inevitavelmente o acordo, convenção ou pacto.

Tal afirmação nos leva a concluir que foi o que aconteceu com os indígenas, já que o arco e flecha eram utilizados para a caça e pesca; no entanto, a partir do momento que se tornou modalidade esportiva, a atividade passa a ser um esporte denominado arquearia indígena e como qualquer outra modalidade esportiva passou a ter regras.

A transformação desse jogo em modalidade esportiva revela sua criação, que de acordo com a página virtual Índios Brasileiros,

Foi criado o Jogo dos Povos indígenas, em 1996, uma competição esportiva que dá destaque aos diferentes esportes realizados por várias etnias indígenas. A primeira competição foi realizada em Goiânia, onde Marcos Terena, líder indígena, fundador e presidente do Comitê Intertribal (uma organização política indígena criada em 1991 com o objetivo de combater as discriminações e defender os direitos indígenas) é o organizador executivo e um dos idealizadores dos jogos. Participaram mais de 150 povos indígenas e a cada Jogo as raízes indígenas são lembradas e valorizadas.

De todo modo, podemos dizer que as atividades dos povos indígenas e em específico das práticas do arco e flecha, podem ser vistas como estratégias importantes de interculturalidade: apontam para possibilidades de aprendizagem de outras regras sociais e valores culturais, que socializadas se transformam em elementos mediadores para o diálogo entre as culturas, onde o ganho é a aprendizagem, a compreensão das diversas sociedades e consequentemente da interação social.

As especificidades da prática motriz no jogo do arco e flecha e sua articulação com a modalidade esportiva nos motivaram compreender como os adolescentes indígenas, especificamente do Estado do Amazonas, vêm realizando e assimilando a prática do ensino-aprendizagem da arquearia enquanto esporte. Tanto é que nessa investigação nos deparamos com um grupo de oito jovens das etnias indígenas Cambeba, Karapanã e Baré que foram selecionados para o treinamento dessa modalidade esportiva, com possibilidade de serem futuros competidores em nível nacional e até internacional, quando das Olimpíadas de 2016.

Esses novos e jovens atletas realizam diariamente treinos na Vila Olímpica de Manaus- Avenida Pedro Teixeira, 400, Dom Pedro, zona Centro-Oeste da capital amazonense no Brasil. Com aproximadamente oito horas por dia, seus treinos são intercalados entre os períodos de aulas.

Diferente de jogos e outros esportes que possuem interação grupal, percebemos que a arquearia indígena é uma modalidade esportiva isolada, porque não há interação com o adversário e nem mesmo com os componentes da equipe. Tal afirmação permite evidenciar as possibilidades analíticas que a Praxiologia Motriz nos oferece para compreender a arquearia indígena observada durante a pesquisa.

Durante a entrevista e a observação dos treinos, buscamos entender como se dá o processo de ensino da arquearia, onde os atletas são acompanhados de perto por um técnico da equipe: as observações iniciais demonstram que embora haja interação entre a equipe, a característica dessa modalidade é psicomotricidade, ou seja, trata da relação homem-objeto; essa característica torna-se essencial, pois acertar o alvo (principal objetivo da modalidade), exige “tomadas de decisões, dentre outros conceitos, que irão auxiliar a dimensão do “saber fazer” como no “saber sobre o realizar corporal” (Ribas, 2010).

A equipe faz parte de um projeto nacional realizado com a chancela do Comitê Olímpico Brasileiro para os Jogos Olímpicos 2016, sob a Coordenação de uma profissional de Educação Física. Ela explica que o projeto busca preparar e quem sabe, levar os atletas a participar da competição na “Arquearia Indígena e Ribeirinha nos Jogos RIO 2016”; os relatos da professora explicitam que a formação dessa equipe ocorreu a partir de suas idas às comunidades indígenas: segundo ela, a seleção se deu por meio da observação da desenvoltura e habilidades físicas dos indígenas, onde foram avaliados os conhecimentos das características e especificidades da modalidade, habilidades ao manusear o arco e flecha; nesse sentido, a coordenadora expôs que em princípio foram observados 80 arqueiros nativos na seletiva, porém apenas dez foram escolhidos.

Embora seja um jogo indígena que está na região amazônica, a pesquisa demonstrou que enquanto modalidade esportiva é pouco divulgada e por isso não é trabalhado por professores de Educação Física. Em face disso, a coordenadora do projeto esclarece que há um Termo de Cooperação que foi assinado no dia 22 de agosto de 2013. Seu objetivo é colocar em prática a preparação esportiva da equipe de jovens da arquearia indígena, que conta com o apoio do Governo do Amazonas através da Fundação Amazonas Sustentável (FAS), Secretaria de Estado da Juventude, Desporto e Lazer (Sejel) e da Federação Amazonense de Tiro com Arco (Fatarco).

Sobre essa questão destacamos que a Carta Internacional de Educação Física e Esporte da Unesco (1978) no seu Artigo dez, acentua que as instituições nacionais desempenham um papel importante na educação física e esporte, por isso é essencial que as autoridades públicas bem como os níveis e especializados não-governamentais, encorajem a população para a prática da Educação Física e atividades esportivas cujo valor educativo é mais evidente.

3. RESULTADOS

Enquanto campo de atividades e condutas motrizes, a arquearia indígena pode ser entendida como um campo da Pedagogia das condutas motrizes, ou seja, uma prática de intervenção que exerce influência sobre as condutas motrizes dos participantes em função das normas educativas implícitas ou explícitas, segundo Parlebas (1999, p.119).

Tentaremos esclarecer um pouco mais a afirmação retratando como se dão esses processos relatados a seguir. Para tanto perguntamos: Como funciona a Arquearia? No caso dos indígenas do Amazonas, o técnico explica que a consciência corporal é a primeira coisa que o aluno deve aprender, já que são realizados os movimentos dos braços onde:

“os ombros devem estar abaixados, a cabeça voltada para o alvo, vale ressaltar que os braços têm uma posição diferente do outro, tudo isso para que se tenha um tiro assimétrico, pois é o braço que sustenta o arco. Logo há uma rotação de cotovelo e a mão deve ser relaxada a 45° de inclinação e não verticalmente, porque durante a puxada do arco, toda força deve estar voltada para as costas”. (Pesquisado/Professor)

Desse modo, é o movimento que vai demonstrar a interação do homem com o objeto pelo viés da Praxiologia Motriz destacando a técnica, podendo resultar em uma resposta padronizada, ou seja, o sucesso ao atingir o alvo deve ser padronizado pelo fato do movimento corporal influenciar a capacidade lógica; se assim não for, corre-se o risco das metas do esporte em direção ao alvo serem feitas de maneira desconexa. Além do mais, o estabelecimentos das regras determinam que a meta do jogo seja fazer a maior pontuação, mas para isso é preciso seguir alguns procedimentos de competição,

“você não pode atirar fora do tempo determinado pelo juiz, não deve avançar a distância que fica na linha de tiro ao disparar, o estilo do tiro não importa se o arqueiro oponente faz de um jeito e você de outro, o importante é que as flechas estejam no alvo, na hora de marcar a pontuação”. (Pesquisado/Professor).

Durante nosso processo de observação dos treinos na Vila Olímpica, localizada em Manaus no Estado do Amazonas, constatamos que os jovens competidores indígenas deixam de utilizar o arco nativo e passam a utilizar o arco de competição e o arco olímpico; ressaltamos que atualmente eles treinam com o arco de competição. Como exposto anteriormente os competidores são de origem indígena e por isso além do nome em português, também possuem o Registro de Nascimento Indígena.

A seguir o registro fotográfico do treinamento dos atletas indígenas:



Figura 1. Adolescentes selecionados treinando na Vila Olímpica
Fonte: acervo da pesquisa - autoras (2014).



Figura 2. Postura correta de membros superiores é fundamental para a modalidade arco com flecha
Fonte: acervo da pesquisa- autoras (2014).

Durante a pesquisa, a observação in loco dos treinamentos permitiu verificar que antes de mirar o alvo é necessário que o arqueiro faça um aquecimento físico, pois as habilidades de coordenação e força são essenciais para a prática do arco com flecha (imagem 3); após o condicionamento físico integral o técnico mostra como o cotovelo deve ficar posicionado (imagem 4); o atleta não pode ultrapassar a linha de tiro, esta deve ficar entre seus pés (imagem 5); após isso, retira as flechas da aljava que é um acessório usado a tiracolo para transportar as flechas (imagem 6); se posicionam com a postura correta (imagem 7 e 8) para atingir o alvo.



Figura 3. Condicionamento físico

Fonte: acervo da pesquisa- autoras (2014)



Figura 4. Cotovelo posicionado

Mas antes é importante fazer a abertura do arco (imagem 9) onde a distância entre o punho do arco e a corda serão medidos e calculados, para poder armar o arco (imagem 10) que é quando o atirador fica pronto para o disparo; o arqueiro mira (imagem 11) para facilitar a pontaria, e com isso concretizar a largada (imagem 12) quando solta a corda após armar o arco e desta forma atinge o alvo (imagem 13) sobre o bastidor que é uma estrutura que serve para parar as flechas. No alvo, a distância é de aproximadamente 30 metros.



Figuras 5 e 6. Posicionamento do atleta indígena na linha de tiro

Fonte: acervo da pesquisa-autoras (2014)

Conforme ilustrado, até aqui nossa pesquisa permite dizer o que vimos enquanto treino para o alcance do alvo dessa modalidade esportiva: que os competidores articulam suas praticas às técnicas mais aprimoradas da arquearia evidenciando as articulações entre a lógica interna e as condutas motrizes dos praticantes da arquearia indígena, na medida em que partem de um jogo assentado em uma determinada cultura para o universo do esporte que se orienta por outras estruturas, onde o jogador evolui solitariamente (Soares,2010).



Figura 7. Retirando as flechas da aljava
Fonte: acervo da pesquisa-autoras (2014)



Figura 8. Postura correta

Os processos que envolvem os estudos e as pesquisas da Praxiologia Motriz revelam que em muitos momentos essa teoria entende que todo atleta precisa de algo que se chama motivação. Parlebas e seus seguidores pesquisadores as classificam como motivação interna e externa: para eles, estas se expressam tanto no modo individual do atleta/competidor quanto no momento do esporte em conjunto com a equipe.



Figura 9. Abertura do arco
Fonte: acervo da pesquisa - autoras (2014)



Figura 10. Armando o arco

Assim, a motivação externa se apresenta de modo concreto, que nesse caso é o campo, (meio estável), o local da competição, a alimentação, o salário, etc. Além do mais, os estudos praxiológicos apontam que quando se trata da motivação pode – se dizer que esta é tipicamente uma atividade psicomotriz: para jogar, os jogadores observam seu posicionamento, escolhem a melhor posição para o alvo e lançam a flecha para chegar ao destino.



Figura 11. Arqueiros recuperando as flechas
Fonte: acervo da pesquisa-autoras (2014)



Fig.12. Arqueiro mirando o alvo



Figura 13. Alvo da modalidade esportiva

Fonte: acervo da pesquisa- autoras (2014)

Quando se trata da motivação interna, esta é observável pelo modo como o atleta se comporta na competição individual ou em equipe. No caso da arquearia indígena pode-se dizer que no momento que o atleta está disparando, ele busca a perfeição no tiro, mesmo que as jogadas sejam feitas individualmente, sem relação de rivalidade direta ou de solidariedade, portanto, na ausência de interação motriz.

Assim, pode-se dizer que muitas vezes ele ainda não tem aquela autoimagem definida do quanto ele consegue fazer. Por isso, nem sempre a motivação interna está presente, seja antes ou durante a competição, pois um arqueiro de alto-rendimento como qualquer outro atleta, passa por oscilações e antes dele atingir o alto rendimento acontece a falta de oportunidade em conhecer seu próprio potencial.

“Nesse caso, necessita saber como é a zona de conforto dele para atirar, ou se a quantidade de flechas que ele atinge ao centro é menor do que as que ele atinge periféricamente no alvo. Ao tentar entender como se processam os tiros considerados melhores para o acerto do alvo, certamente o atleta passará a entender como é seu tiro, se faz bons tiros bons pensar naquilo como uma parte melhor. Nisso consiste o início da criação de sua autoimagem”.(Professor/Pesquisado)

Desta feita, ao tentar acertar o alvo, revela-se como um esporte de força, de coordenação motora, de equilíbrio, de concentração. Nesse caso, a pessoa que não tem coordenação motora não consegue desenvolvê-lo. Uma pessoa que não tem força não consegue avançar; uma pessoa que não tem equilíbrio, faz os tiros, mas não consegue bons agrupamentos; uma pessoa que não tem concentração atira bem no treino, mas atira mal em uma competição. Logo, nosso estudo demonstra que é uma atividade psicomotora, de acordo com a teoria de Pierre Parlebas.

Dentre os jovens competidores indígenas encontramos um atleta de 17 anos de idade, cujo nome indígena é Lise em – Água Doce - e é da etnia Baré; já foi medalhista de ouro nos Jogos Escolares Brasileiros em novembro de 2013, passou por várias seletivas de arquearia e diz que seu sonho é ser o maior arqueiro do Mundo.

Durante a pesquisa ficou claro a possibilidade em “destrinchar” ainda mais tanto os elementos como as estruturas que compõem as modalidades dos jogos e dos esportes dos povos tradicionais caracterizados nos treinos da arquearia indígena; isso só confirma a existência de instrumentos de análise da Praxiologia Motriz que facilitam este processo de transferência de estruturas: sendo assim, para atingir os objetivos, que é acertar o alvo, quanto mais o jogador estiver longe do alvo, mais difícil será seu sucesso: logo não são apenas os treinos que vão determinar se os competidores indígenas estarão “prontos” para chegarem às Olimpíadas em 2016.

Na verdade, é preciso registrar que o jogador necessita ter um bom desempenho para não cometer erro. É, portanto, um esporte onde a habilidade individual é uma exigência para os jogadores serem confirmados ou não como bons e finalmente tornar-se vencedores. Mesmo que as lógicas internas e externas estejam presentes na arquearia indígena, é necessário que haja a compreensão da essência dos jogos e esportes dos povos tradicionais.

Essas lógicas se expressam por meio das especificidades que, além da possibilidade de conhecer as modalidades dos jogos e esportes indígenas, permitem complementar e aproximar mais o olhar desprovido de rótulos e preconceitos da cultura desses povos: torna-se um princípio em que a teoria da ação motriz seja instrumento de compreensão do mundo dos jogos e esportes, essencialmente do estudo e compreensão de outros saberes e culturas, em específico dos jogos dos povos indígenas que trazem também aspectos que os tornam modalidades esportivas para competições.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a observação in loco foi válido considerar o cotidiano destes alunos/atletas, quando se verifica que a preparação física deles é equivalente a de atletas de alto rendimento; essas atividades contam com aquecimento aeróbico, anaeróbico, flexões, enfim, um condicionamento físico integral para adquirirem resistência, força e coordenação já que a modalidade do arco com flecha possui estas exigências, situações presentes e relevantes nas investigações praxiológicas.

Além disso, percebemos que os processos da Praxiologia Motriz presentes na arquearia indígena se organizam pela lógica interna: seja por meio da cooperação, oposição, cooperação-oposição, esses aspectos demonstraram que há uma relação entre o meio, o objeto e o homem, necessitando, portanto, estar atentos às normas que regem a modalidade.

No entanto, ressaltamos que não foi nossa pretensão estabelecer ou propor situações que alterem o modo ou a forma de ver a prática do arco e flecha nos jogos e esportes dos povos tradicionais. Ao contrário, nosso tracejo foi muito mais sobre a necessidade de um novo olhar dos jogos como esporte dos povos indígenas da Amazônia articulados aos aspectos praxiológicos caracterizados pelo lógica interna e externa, tão bem tratadas por Parlebas.

Finalmente, esperamos que esse trabalho auxilie a compreensão e o conhecimento daqueles que se interessam pela Praxiologia Motriz, posto que essa teoria consegue demonstrar que há saberes e práticas diferentes tornando urgente de nossa parte, contextualizar os valores de cada grupo étnico, o reconhecimento do “outro” e o “auto-reconhecimento” identitário contribuindo para o reconhecimento das diferenças culturais.

REFERÊNCIAS

Carta Internacional de Educação Física e Esporte da UNESCO. (Aprovada pela Conferência Geral, em sua vigésima sessão, Paris, 21 de novembro de 1978). Disponível em: www.unesco.org/education/nfsunesco/pdf/SPORT_E.PDF

Dicionário Aberto da Língua Portuguesa: disponível em: <http://dicionario-aberto.net/search>

FUNAI-Fundação Nacional do Índio. Disponível em: http://www.funai.gov.br/indios/jogos/novas_modalidades.htm

Índios Brasileiros - Esporte. Disponível em: <http://indios-brasileiros.info/mos/view/Esporte/>

Laraia, R. D. B. (2001). Cultura: um conceito antropológico. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- Hernández Moreno, J. y Ribas, J. P. R. (2004). La Praxiología Motriz: fundamentos y aplicaciones. Barcelona: Inde.
- Lagardera Otero, F. y Lavega Burgués, P. (2003). Introducción a la Praxiología Motriz. Barcelona: Paidotribo.
- Parlebas, P. (1988). Elementos de Sociología del Deporte. Málaga (España): Universidad Internacional del Deporte (UNISPORT).
- Parlebas, P. (2001). Juegos, Deporte y Sociedad: léxico de Praxiología Motriz. Barcelona: Paidotribo.
- Povos Indígenas no Brasil – ISA. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org>. Acesso em: 19 fev. 2014.
- Ribas, J. F. M. (2005). Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola. Motriz Rio Claro, 11 (2), 113-120.
- Santos, J. L. (1994). O que é cultura. 14ª. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Soares, A. A. (1999). Corpo e Ritual. Um estudo do ritual da Worecu do povo Tikuna. Tese doutoral. Porto: Faculdade de Desporto e de Educação Física. Porto: Universidade do Porto, Portugal.
- Soares, A. A. (2004). Ritual Tikuna e o Corpo-aproximações com o desporto 1. ed. Porto: FADE, Universidade do Porto, Portugal
- Soares, A. A. (org.). (2014). IV Simpósio de Práticas Corporais e Povos Indígenas: Efeito das Práticas Esportivas, 1 ed. Manaus: Edua.
- Soares, A. A. (org.). (2014). A (RE) Significação do Futebol Praticado por Povos Tradicionais Indígenas da Amazonia – O caso do torneio « Peladão Indígena » em Soares, A. A. (org.). IV Simpósio de Práticas Corporais e Povos Indígenas: Efeito Das Práticas Esportivas. 1 ed. Manaus: Edua.

